



# UMA FENOMENOLOGIA DO PATOLÓGICO EM MERLEAU-PONTY

*A phenomenology of patol in Merleau-Ponty*

**Harley Juliano Mantovani**

Professor de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia e da Faculdade Católica de Uberlândia, Uberlândia, MG - Brasil, E-mail: harleybrief@yahoo.com.br

---

## **Resumo**

Neste artigo, partindo-se da hipótese de que o patológico tem lugar no que se pode entender como filosofia da expressão em sentido amplo, tivemos por fim conceber uma fenomenologia do que se mostra ou do que nos revela a incapacidade da expressão. O que se traduziu num esforço de validação do nosso critério hermenêutico. A conclusão, não sendo definitiva, afirma a inteligibilidade do patológico, a necessidade e a dificuldade de dizê-lo e, pois, a contribuição da literatura neste sentido. O que temos de certo, é que a tematização do patológico retoma e resolve a preocupação merleau-pontyana de reaproximação entre a ciência e a vida.

**Palavras-chave:** Merleau-Ponty. Expressão. Patológico. Psicologia. literatura.

---

**Abstract**

*In this article, we leave of the hypothesis who to affirm what the pathologic is defined within a philosophy of the expression in sense wide. We have by aim to conceive a phenomenology from that show itself or from that reveal us the incapacity of the expression. All this was, as a matter of fact, a great endeavor for to validate our hermeneutic criterion. The conclusion, in hers aspect provisory, to affirm the accessibility of the pathologic at the thought, the necessity and the difficult by say him, and the contribution of the literature for this difficult. We are firm which that discussion about the pathologic retake and resolve the preoccupation of the Merleau-Ponty about the way for to bring near again the science and the life.*

**Keywords:** *Merleau-Ponty. Expression. Pathologic. Psychology. Literature.*

---

Antes de tudo, é indispensável dizermos que tomamos o *patológico* não restrito apenas à sua dimensão própria, mas, além disto, como critério hermenêutico de leitura da obra de Merleau-Ponty. Essa possibilidade de retirarmos o patológico da sua dimensão mais comumente aceita, e estender a sua significação e o seu domínio, nos é sugerida pelo nosso filósofo, que nega a determinação biológica, anatômica e orgânica do patológico e não o define a partir desta determinação. O que, em outros termos, significa que o patológico ultrapassa o objetivismo tão característico à ciência e, neste sentido, ele nos desvela aquilo que a ciência deixou escapar, aquilo que está antes da objetividade científica. Para Merleau-Ponty, então, o patológico é caminho para o pré-objetivo originário e, neste caminho interpretativo, haveremos de circunscrever e de explicitar como o patológico nos conduz à ipseidade autêntica ou ao ser no mundo. Sendo este o objetivo que norteará a nossa análise. Eis o nosso ponto de partida e o nosso tema central: a relação entre o patológico e a existência.

Ao longo da nossa análise, esperamos demonstrar que o patológico, em Merleau-Ponty, está indissolivelmente relacionado à capacidade de expressão, de linguagem ou de fala. E, sob este aspecto, a autenticidade que o patológico nos revela é a de uma ipseidade capaz de expressão e de fala. É aquela ipseidade que

alcançou o simbólico próprio da *ordem humana*. E, tendo esta por horizonte, devemos mostrar como o *comportamento* deixa de ser uma coisa, e se torna a manifestação de um espírito puro, símbolo do humano em sua autenticidade. Importa-nos o comportamento como sinônimo de existência, aquele que não é “aprisionado no quadro de suas condições naturais” (MERLEAU-PONTY, 1967, p. 114), instintivo, e que começa a se libertar dos materiais e do determinismo instintivo da espécie ao usar o *sinal* como configuração (*Sign-Gestalt*), até alcançar as suas *formas simbólicas*. Eis o nível da forma autêntica do comportamento humano, quando este pode ser analisado psicologicamente, porque, aqui, “o comportamento não *tem* mais somente uma significação, ele *é* ele mesmo significação” (MERLEAU-PONTY, 1967, p. 133) a ser interpretada.<sup>1</sup> Neste nível, rompe-se o *a priori* sensório-motor da espécie, e prenuncia-se uma conduta cognitiva, livre e criativa. Assim, trabalharemos com a simultaneidade entre a definição merleau-pontyana do patológico e a busca pela expressão e pela fala autênticas. Em outros termos, é na dimensão pré-objetiva da expressão, seja corpórea, seja propriamente linguística, que encontramos a melhor definição do patológico e, a partir da qual tomamo-lo como critério hermenêutico. Deste modo, o estudo do patológico será, indiretamente, um estudo da expressão e da fala autênticas, própria de uma ipseidade ou de um ser no mundo que ultrapassa a inexpressividade e a opacidade dos seus aspectos meramente objetivos e visíveis cuja inteligibilidade, obedecendo a um critério de quantificação, identifica-se ao mensurável. O inautêntico, o inexpressivo ou o incapaz de fala, caracteriza-se e se sustenta sobre a separação entre o fato (corpóreo, biológico, linguístico, psíquico) e o sentido. Trata-se, portanto, de um fato opaco, sem sentido, que não nos mostra nada além da sua mera objetividade visível. Eis o que deve ultrapassar o nosso critério hermenêutico, para ser validado: a inexpressividade opaca dos fatos desprovidos de sentido. Nestes termos, o que leremos através deste critério é o reencontro ou a unidade originária, desvelada por Merleau-Ponty, entre o fato e o sentido, entre a facticidade e a essência, entre o signo e a significação, entre o sensível e o inteligível. Cabe dizermos que, “com as formas simbólicas, aparece uma conduta que exprime o estímulo por ele mesmo, que se abre à verdade e ao valor próprio das coisas, que tende à adequação do significante e do significado, da intenção e do que ela visa” (MERLEAU-PONTY, 1967, p. 133).

<sup>1</sup> O comportamento simbólico é o psicologicamente analisável porque, além do sobredito, ele não “se desenrola no tempo e no espaço objetivos” próprios da ordem do em si, mas, desprendendo-se desta, ele “se torna a projeção, fora do organismo, de uma possibilidade que lhe é interior” (MERLEAU-PONTY, 1967, p. 136). O patológico será dado pela fragilidade sintomática da análise de uma mera possibilidade.

Neste momento, avançamos que há duas condições imprescindíveis que devemos respeitar para obtermos a sua melhor definição ou para tomarmos o patológico como critério hermenêutico, de acordo com Merleau-Ponty, quais sejam: 1) que o fato seja expressivo, isto é, que o fato falado tenha ou expresse sentido ou que ele seja, enfim, significativo, autêntico ou símbolo de uma autenticidade velada e não visível; e 2) que a fala seja expressiva, ou seja, que ela traga em si a inseparabilidade originária do signo e da significação, pois, só assim, nesta sua autenticidade, ela é caminho para o fato, isto é, o que ela diz tem sentido, enfim, ela desvela ou nos faz ver o invisível. Em outros termos, se respeitadas essas duas condições, não consideramos apenas a *patogênese* – que é o processo de formação das manifestações visíveis e sintomáticas – mas também a ultrapassamos e adentramos numa dimensão mais fundamental, a da *etiologia* – que é o estudo das causas últimas das doenças, a dimensão do invisível.<sup>2</sup> O que significa que o respeito às duas condições nos encaminha e nos permite a descoberta do *psíquico puro* em relação com a dimensão originária da existência. Isto é, não é uma psicologia identificada ao neurológico, não é a fisiologia clássica e mecanicista que objetiva o corpo, e não é a neurologia que nos darão a pureza psicológica de uma ipseidade em sua autenticidade.

Neste sentido, de acordo com a primeira condição, o psíquico puro ou o *fato psicológico*, diferentemente da opacidade do fato determinado de modo anátomo-orgânico, é aquele que expressa ou traz em si um sentido a ser interpretado, e que, por isto, sua inteligibilidade é de outra ordem e vai além da mensuração quantitativa. O psíquico puro é esta dimensão originária em que não há a separação do fato e do sentido e, justamente por se tratar de uma facticidade psíquica inteligível, o fato psicológico puro pode ser estudado, analisado e desvelado por uma fala capaz de dizê-lo. Então, de acordo com a

---

<sup>2</sup> Numa analogia livre, mas que ao longo de nossa pesquisa, esperamos legitimá-la, pois, nela vislumbramos uma consequência plausível a partir do nosso tema e objetivo norteadores, temos que a patogênese, na medida em que nos dá a gênese do sentido patológico a partir da manifestação inadequada ou a partir de um problema na capacidade de expressão ou de trazer algo à visibilidade, é propriamente uma fenomenologia que considera os fenômenos como símbolos ou como os modos de manifestação do invisível, do fundamental explicativo, esclarecedor e autêntico, em suma, o em si dado pela etiologia. Assim, a relação entre patogênese e etiologia traduz, em outros termos, a relação entre fenomenologia e ontologia. Eis a consequência: o patológico, na medida em que ele explicita as condições de afirmação de uma ipseidade autêntica, ele é também caminho para o ontológico. A legitimação desta consequência está em estreita dependência do êxito em demonstrarmos, subsidiados por Merleau-Ponty, que as condições de afirmação de uma ipseidade autêntica permitem-nos pensar uma ontologia como retorno ao pré-objetivo e negação da determinação científica do ser.

segunda condição, o sentido que a fala diz não lhe é exterior e estranho quando ela diz a inteligibilidade essencial do fato psicológico. O sentido, a acessibilidade ou a inteligibilidade do fato e da fala, desde que considerados de modo autêntico, não estão numa instância anterior, superior e exterior a ambos, como a tradição intelectualista defende. Deste modo, o sentido ou a significação patológica não é conceitual ou especulativa e não é dada por uma representação intelectual de um pensamento separado do corpo e da dimensão fundamental do “campo fenomenal” do sentir puro.<sup>3</sup> O doente não precisa do conceito de doença ou de representar para si mesmo que está doente, para ele saber que está doente. O sentir puro, constituído por significações pré-conceituais, pré-objetivas ou plásticas, proporciona-lhe um *saber originário* sobre si mesmo, isto é, o sentir lhe dá o *si mesmo*, a sua ipseidade, ao designar “uma experiência em que não nos são dadas qualidades ‘mortas’, mas propriedades ativas”. Ou seja, o patológico está em relação originária e indissolúvel com um sentir enriquecido na passagem do mundo objetivo para o mundo percebido ou fenomenológico. Agora, o sentir “investe a qualidade de um valor vital” e se faz “tecido intencional” entre o sujeito encarnado e o objeto percebido. E o patológico será um “rasgo” ou uma “descostura” neste tecido relacionante.

Caso nos mantivéssemos no âmbito da dimensão reflexiva da separação entre pensamento e corpo, entre fato e essência, entre signo e significação, estaríamos condenados a uma adulteração e perda do si mesmo autêntico, pois, em que consistiria a intervenção terapêutica e como encontrar a gênese e explicar, com vistas à cura, o sentido patológico, se não podemos acreditar que a fala do doente, ainda que desordenada, tenha sentido. Em outros termos, o sentido do que ele fala tem sua gênese e está em relação estreita e originária com o seu sentir, antes de qualquer conceito ou representação intelectual. A negação da generalidade abstrata do conceito significa conceder e reconhecer o valor da experiência própria de cada

---

<sup>3</sup> Eu terei um saber originário sobre mim mesmo e saberei que estou doente, quando eu dispor de uma melhor definição do sentir. Assim, “eu sentirei na exata medida em que coincido com o sentido, em que ele deixa de estar situado no mundo objetivo e em que não me significa nada” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 9). Ou seja, é preciso ser capaz de encontrar o sentido para mim, de atribuí-lo, transcendendo minha condição imediata, enquanto sou não um mero espasmo fisiológico como resposta imediata a um estímulo exterior, mas um movimento autônomo, um comportamento. Nestes termos, para encontrarmos a significação verdadeira do patológico, é preciso ultrapassarmos a reflexologia, que já foi combatida por Merleau-Ponty (1945, p. 13-18) em *A Estrutura do Comportamento*, pois o comportamento propriamente humano alcançado na ordem simbólica, “acha-se escondido pelo reflexo” e reduzido a uma “elaboração e enformação dos estímulos”. O patológico é uma forma de comportamento simbólico.

um e privilegiar uma singularidade subjetiva. Na medida em que o conceito padroniza, ele desconsidera e perde a história pessoal e adquirida própria de cada singularidade que permanece, portanto, adulterada e inalcançável através dele. Afastado da vida, das *erlebniss*, da existência, o conceito perde a vivência traumática causadora do patológico que se manifesta enquanto expressão inadequada da ipseidade ou da sua experiência vivida.<sup>4</sup> A terapia será, nestes termos, a busca pela expressão adequada, e o patológico, enquanto critério hermenêutico de retorno ao pré-objetivo, será, antes de tudo, a volta a uma pré-ciência da expressão em que uma ipseidade se afirma autenticamente ou se dá a conhecer, e se torna digna, então, de ser analisada psicologicamente. A ipseidade que temos em mente é a que tem, como uma de suas características, a de estar sujeita ao patológico próprio do psíquico puro que transcende o espaço objetivo do corpo e do cérebro materialmente considerados. As condições e o problema do patológico estão neste movimento de transcendência.<sup>5</sup> está no corpo que transcende a si mesmo, está na fala que transcende a si mesma, enfim,

<sup>4</sup> O patológico entendido como perda da expressão adequada, e que é indissociável, portanto, de uma busca por uma expressão perdida, nos remete à acusação de Merleau-Ponty, de que a filosofia está doente. O nosso critério hermenêutico será também a denúncia do pathos da filosofia, da sua paixão pelo especulativo e do seu apego, demasiado e doentio, ao conceito. A patologia da filosofia nos revela que ela deixou de ser a expressão adequada daquilo que a precede e que a anularia, a saber, a vida, a existência, o ser. Para Merleau-Ponty, a filosofia deve reencontrar essa expressão perdida ao longo da sua história. como meio de sanar o “nosso estado de não-filosofia” em que, hoje, segundo ele, a humanidade se encontra, sobretudo, explicitando que há, por um lado, “a decadência da filosofia expressa, oficial” e, por outro, o aparecimento de um “caráter filosófico da literatura, da arte, etc.”, que se apresentam como o caminho rumo à expressão perdida e capaz de dizer o que não é ainda filosofia. É preciso lembrar que “esta decadência da filosofia é inessencial; é aquela de uma certa maneira de filosofar (segundo substância, sujeito-objeto, causalidade). A filosofia encontrará ajuda na poesia, na arte, etc., em uma relação muito mais estreita com elas, ela renascerá e reinterpretará, assim seu próprio passado de metafísica – que não é passado” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 39). A patologia como critério hermenêutico de reinterpretação do passado da filosofia, como contestação explícita da metafísica clássica, exige que a definição da filosofia, visando ao reencontro da expressão adequada originária e perdida, comporte “a elucidação da própria expressão filosófica [...] como ciência da pré-ciência, como expressão do que está antes da expressão e que a sustém por trás” (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 221). E, visto que o que está antes da expressão é o ser, a filosofia deve ser a ciência da expressão do ser e, deste modo, ao denunciar a doença da filosofia, Merleau-Ponty propõe como terapia um retorno à ontologia.

<sup>5</sup> A autenticidade ou o ser si mesmo segundo o patológico está nesta capacidade ontológica de transcendência, assim, por exemplo, o corpo autêntico revelado pelo patológico é o que transcende a si mesmo. Logo, se o patológico está nesse movimento de transcendência pelo qual o ser si mesmo se afirma, e se o que é transcendido é a determinação biológica, anatômica, orgânica e objetiva, o patológico nos revela uma dimensão metafísica e não determinável da singularidade subjetiva, isto é, em sua autenticidade, a ipseidade passível de patologia possui

está em todo gesto que se transcende, que é outra coisa que ele mesmo e que não está onde ele está, permanecendo aberto, inacabado, indefinível, vivo, fecundo. A intervenção terapêutica não terá fim, ela será uma hermenêutica do inacabado, daquilo que ainda está se fazendo, de uma expressão sempre nascente. A partir disto, devemos considerar que cada leitura (assim como cada sessão terapêutica) é uma experiência recomeçada, e que cada leitura deve ser uma experiência nova da presença do começo – disto que está oculto, inaudível, inultrapassável e subentendido.

Na dimensão simbólica ou propriamente humana do patológico, “eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu ‘psiquismo’” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. II), e não estou, de imediato, no universo da ciência, mas, antes, no mundo vivido que se dispõe em torno de mim, no qual, eu também não sou uma reflexão que “arrebata-se a si mesma e se recoloca em uma subjetividade invulnerável, para aquém do ser e do tempo [...], que perde a consciência do seu próprio começo” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. IV). Se ao retomarmos o patológico, retomamos o “mundo vivido”, oferecemos a tematização do patológico como um caminho inédito para se analisar e responder à preocupação de Merleau-Ponty em reconciliar a ciência e a vida. Aproximar-se do patológico é aproximar-se do começo. Enquanto hermenêutica do começo – ou contestação do cientificismo e do solipsismo filosófico –, o patológico me conduz e me deixa diante do irrefletido, fazendo-me crer que, fundamentalmente, sou para mim mesmo o que não posso refletir ou o que em mim escapa à reflexão sou *eu*. O patológico subverte a concepção da identidade egológica clássica, para a qual o eu é uma subjetividade reflexiva. A ipseidade dada pelo patológico é esta que está e vive o mundo e o tempo; sua sujeição ao patológico é sua sujeição às vicissitudes do mundo e do tempo inseparáveis de suas vivências. Trata-se de uma ipseidade lançada no real, *em situação*, em uma situação intersubjetiva, que é a mesma para todos. E o patológico aparecerá no modo como cada um enfrenta ou nega a sua própria fragilidade diante de uma situação fundamental cujo pensamento de completo controle é ilusório, visto que não estamos mais em um mundo em si onde tudo é determinado. Pelo contrário, agora “há muitos espetáculos confusos, como uma paisagem em um dia de névoa”. Malgrado isto, “o objeto, dirão os psicólogos, nunca é ambíguo; ele só se torna ambíguo por desatenção [...]. Precisamos reconhecer o indeterminado como um fenômeno positivo” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 12). Ora, os psicólogos não se dão conta de que o patológico é determinado na relação com a ambiguidade do indeterminado antes do mundo em si. Ele é um modo de acesso a um mundo que não é em si. Eis a crítica e ultrapassamento do substancialismo metafísico e do cientificismo, caladamente, também metafísico, pois sua objetividade é a da substância extensa e mensurável. Assim, para encontrar



a existência, Merleau-Ponty promove uma dessubstancialização do ser, do mundo, da subjetividade, que é, agora, frágil. Aquela fragilidade e ilusão se constituem diante do que nos despossui, do que retira-nos de nós mesmos porque não podemos dominar: a ambiguidade das significações existenciais do indeterminado, que nos apresenta um “sentido equívoco”. “Trata-se antes de um valor expressivo que de uma significação lógica” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 12). No âmbito das significações lógicas fora da dimensão da existência, não há o patológico. Não há distúrbios da linguagem e da comunicação para significações claras, unívocas e não ambíguas.

Esta é a nossa situação fundamental: “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. XI).<sup>6</sup> O patológico é uma modificação sofrida por essa comunicação com o inesgotável, ele é um modo de falá-lo com significações próprias.<sup>7</sup> Ou seja, no patológico o mundo é expresso de outra maneira, porque a doença é um outro modo de ser no mundo. A doença nos retira da ordem estritamente biológica, e nos conduz para a dimensão da existência aquém de uma subjetividade identificada através da dicotomia metafísica entre o “em si” (o fisiológico) e o “para si” (o psicológico), e através da separação entre corpo (cérebro) e alma (mente), entre *res extensa* e *res cogitans*.<sup>8</sup> Esta separação constituiu a irmandade de fundamento entre empirismo e intelectualismo, por que “um e outro tomam por objeto de análise o mundo objetivo, que não é primeiro nem segundo o tempo nem segundo seu sentido” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 33). Nestes termos, o patológico como símbolo do essencialmente humano, deverá ultrapassar o empirismo que só descreve “processos cegos” e cujas construções “nos escondem, primeiramente, o ‘mundo cultural’ ou o ‘mundo humano’, no qual

<sup>6</sup> Determinado na relação com o mundo, o patológico é próprio de uma consciência em situação, encarnada e radicada no mundo da vida, no mundo fenomenológico pré-científico e ainda não filosófico. O patológico prova que o sujeito está antes no mundo enquanto totalidade aberta e inapreensível, ao invés do mundo representável como um grande objeto ou uma construção derivada de um fato bruto não mencionado.

<sup>7</sup> Nestes termos, o patológico, que é o nosso caminho para o psíquico puro, nos mostra que a realidade psíquica não apenas é, mas revela o pré-objetivo. Isto é, o patológico enquanto critério de descoberta do essencialmente humano – a não causalidade biológico-psíquica da existência – nos mostra que a realidade psíquica não é determinada por uma correspondência com a realidade objetiva.

<sup>8</sup> Como ênfase a esta afirmação, citamos: “O que nos permite tornar a ligar o fisiológico e o psíquico um ao outro é o fato de que, reintegrados à existência, eles não se distinguem mais como a ordem do em si e a ordem do para si, e de que são ambos orientados para um pólo intencional ou para um mundo” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 103).



“todavia quase toda a nossa vida se passa” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 31). O empirismo perde e adultera a significação humana e, assim, é incapaz de reconhecer que há “alguém que veja” presente em seus amontoados de sensações qualificadas e de recordações.<sup>9</sup> Não há uma ipseidade autêntica (ou um psíquico puro) no empirismo tanto quanto no intelectualismo, e encontrá-la é, ao mesmo tempo, retornar à experiência perceptiva, é encontrar a percepção verdadeira e efetiva, “tomada no estado nascente, antes de toda fala”, em relação à qual “o signo sensível e sua significação não são separáveis nem mesmo idealmente” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 48). A dimensão do patológico é a da verdade da experiência perceptiva cuja efetividade nos conduz para além do empirismo e do intelectualismo, porque ela nos oferece os meios de ultrapassarmos a separação entre o signo e a significação, entre o fato e a essência, e porque se constitui, finalmente, como crítica à dicotomia entre a *res extensa* e a *res cogitans*. A percepção ultrapassa o intelectualismo, porque ele se afastava dela, buscando “explicá-la pelo jogo combinado entre forças associativas e a atenção” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 40). E, nestes termos, o intelectualismo “é cego ao modo de existência e de coexistência dos objetos percebidos, à vida que atravessa o campo visual e liga secretamente suas partes” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 40). Aqui, também, não há “alguém que veja”, não há uma subjetividade que se encontra como *visão* sobre o mundo.

O corpo patológico não é um objeto determinado pela fisiologia mecanicista. Neste sentido, os distúrbios não são o resultado, por exemplo, de “lesões dos centros e até mesmo dos condutos”, isto é, as lesões, “não se traduzem pela perda de certas qualidades sensíveis ou de certos dados sensoriais, mas por uma diferenciação da função” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 87-88). E ainda, “as lesões centrais parecem deixar as qualidades intactas e, em compensação, modificam a organização espacial dos dados e a percepção dos objetos” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 88). Ou seja, adentramos num espaço organizado de modo pré-objetivo, com significações plásticas, no qual “o ‘acontecimento psicofísico’ não é mais do tipo da causalidade ‘mundana’”, e no qual “o cérebro torna-se o lugar de uma ‘enformação’ que intervém antes mesmo da etapa cortical, e que embaralha, desde a entrada do sistema nervoso,

---

<sup>9</sup> E ainda: “Definindo mais uma vez aquilo que percebemos pelas propriedades físicas e químicas dos estímulos que podem agir em nossos aparelhos sensoriais, o empirismo exclui da percepção a cólera ou a dor que todavia eu leio em um rosto, a religião cuja essência todavia eu apreendo em uma hesitação ou em uma reticência” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 32). O empirismo desfigura ao tomar o sentido humano como uma qualidade objetiva.

as relações entre o estímulo e o organismo” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 89), cuja função passa a ser, doravante, a de “*conceber* uma certa forma de excitação”. Esse procedimento de enformar a excitação não é submeter-se a ela, já é um princípio de autonomia corpórea. Há um corpo que não é determinado de modo psicofísico, o *corpo próprio*.

Ao dever a sua constituição, não ao pensamento objetivo e ao universo do entendimento, mas a uma estreita relação com o “ser perceptivo que não é ainda o ser determinado”, o patológico nos proporciona a percepção do *corpo próprio*, do corpo que se transcende ou que transcende seu espaço biológico e objetivo. O corpo próprio é expressivo, fenomênico e, assim, sujeito às patologias da expressão ou da transcendência. O espaço do corpo próprio não é biológico e objetivo, ele é “eminentemente um *espaço expressivo*”. Em outros termos, o corpo próprio não ocupa espaço, ele não é “o corpo constituído”. “Ele é a origem de todos os outros” espaços, “o próprio movimento de expressão, aquilo que projeta as significações no exterior dando-lhes um lugar, aquilo que faz com que elas comecem a existir como coisas, sob nossas mãos, sob nossos olhos” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 171). O patológico será definido a partir de uma distorção e modificação nesse movimento de expressão ou de projeção de significações, e quando percebermos que estas significações *não têm lugar*, ainda que tenham um modo inadequado de existência, porque elas não vieram a ser através de uma expressão mais apropriada. A possibilidade do patológico no corpo próprio relaciona-se a um desequilíbrio das significações, enquanto ele é um “sistema de potências motoras ou de potências perceptivas”, ou seja, não sendo objeto para um “eu penso”, mas sim, “um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 179).<sup>10</sup>

Ao nos apresentar um corpo significante ou falante, isto é, que tem em si mesmo uma inteligibilidade traduzida em expressividade, o patológico nos mostra que o sentido está espalhado pelo corpo e intrínseco a ele, um

---

<sup>10</sup> A localização do patológico no corpo próprio deve-se à ambiguidade deste, que não é nem sujeito, nem objeto, responsável pela adequação entre a reflexão e o irrefletido e, nestes termos, pela superação das filosofias da consciência. Esse qualificativo “próprio” significa inextenso e expressivo, através do qual, o corpo transcende suas determinações anátomo-orgânicas. Para Merleau-Ponty, a dimensão não delimitável do “próprio” no corpo, além de sugerir-nos um negativo metafísico presente ou um corpo negativo indeterminado, nos mostra um corpo que não é objeto, mas sujeito da percepção e da fala. Para este corpo pré-objetivo, a percepção, por exemplo, não é efeito da situação fora do organismo, isto é, ele escapa ao mecanicismo fisiológico de uma causalidade mundana que substitui a subjetividade por um evento psicofísico de reorganização da excitação. O corpo próprio está antes do paralelismo psicofísico.

sentido que não lhe vem de qualquer outra instância. E disto são bons exemplos a substituição dos membros fantasmas (amputados) e a sexualidade espalhada pelo corpo e não restrita às áreas especificamente erógenas. Com tais exemplos, trata-se de admitir que o patológico é inteligível e pode ser estudado.

A sexualidade nos dá a relação entre o sujeito encarnado e o seu mundo aquém do “puro comércio entre o sujeito epistemológico e o objeto”. Através dessa ampliação da noção de sexualidade (considerada como modo de ser no mundo), o mundo natural não se apresenta como “existente em si para além de sua existência para mim”, pelo contrário, ele adquire uma dimensão afetiva através da qual “compreenderemos melhor como objetos e seres podem em geral existir” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 180). Essa afetividade, esclarece Merleau-Ponty (1945, p. 180), não é concebida “como um mosaico de estados afetivos, prazeres e dores fechados em si mesmos, que não se compreendem.” O que significa, em última instância, que no homem a sexualidade não é um aparelho reflexo autônomo, e o objeto sexual não é o que afeta um órgão do prazer anatomicamente definido. “É preciso que exista, imanente à vida sexual, uma função que assegure seus desdobramentos”, isto é, “é preciso que exista um Eros ou uma Libido que animem um mundo original, dêem valor ou significação sexuais aos estímulos exteriores e esbocem, para cada sujeito, o uso que ele fará de seu corpo objetivo” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 182). Originariamente, antes de ser objetivo, o mundo é erótico, emocional, carnal, plástico. Antes da inteligibilidade objetiva, Merleau-Ponty admite e desvela uma inteligibilidade erótica, emocional, carnal, plástica. Nesses termos, Merleau-Ponty apresenta-nos a sexualidade como uma “intencionalidade original” e, assim, por meio dela, “nós lidamos não com um automatismo periférico, mas com uma intencionalidade que segue o movimento geral da existência e que inflete com ela” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 183). Por conseguinte, “a percepção erótica não é uma *cogitatio* que visa um *cogitatum*; através de um corpo, ela visa um outro corpo, ela se faz no mundo e não em uma consciência” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 183). Isto porque o corpo é significante, é falante e tem a inteligibilidade erótica. Dito de outro modo, “há uma *compreensão* erótica que não é da ordem do entendimento, já que o entendimento compreende percebendo uma experiência sob uma idéia, enquanto o desejo compreende cegamente, ligando um corpo a um corpo” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 183). Aqui, a intersubjetividade é, ainda, intercorporeidade. A sexualidade nos conduz para a ordem da existência, revelada, também, pelo fenômeno de substituição do membro fantasma. Em relação a este fenômeno, Merleau-Ponty se preocupa-se em explicar como o amputado ainda sente o membro fantasma.

O amputado sente o membro fantasma não somente porque ele conserva a significação corpórea sedimentada e constituinte do seu corpo habitual – o corpo passado, e que não mais corresponde ao corpo atual, mutilado – mas, também, porque a situação mundana aberta exige-lhe uma ação do membro que não mais existe. Temos um corpo habitual e um corpo atual. Quando há a congruência entre ambos, quando a significação de um corresponde à significação do outro, não há membros mutilados assim como qualquer outra patologia. A substituição indicamos que a significação do corpo (aquilo que permanece, que é recordável) não é separada do corpo. O que ocorre, também, é a reorganização da significação do corpo: processo no qual o corpo atual (mutilado) vai se tornando o corpo habitual. Esta reorganização se dá na relação com o mundo. O fenômeno de substituição do membro fantasma ultrapassa os movimentos reflexos circunscritas a uma “causalidade em terceira pessoa”, e depende, muito mais, da “história pessoal do doente, de suas recordações, de suas emoções ou de suas vontades” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 91). Através desse fenômeno, o que encontramos é “o movimento do ser no mundo”, a motricidade como intencionalidade originária, ou um comportamento, “para aquém dos estímulos sensíveis.” Com efeito, Merleau-Ponty afirma que aquém dos estímulos sensíveis, “é preciso reconhecer um tipo de diafragma interior que, muito mais do que eles, determina que nossos reflexos e nossas percepções poderão visar no mundo, a zona de nossas operações possíveis, a ampliação de nossa vida” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 95). O patológico nos conduz ao ser no mundo como a uma “visão pré-objetiva” distinta de “todo processo em terceira pessoa”, e “de toda modalidade da *res extensa*, assim como de toda *cogitatio*, de todo conhecimento em primeira pessoa” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 95) e, deste modo, o patológico nos mostra que o ser no mundo “poderá realizar a junção do ‘psíquico’ e do ‘fisiológico’”.<sup>11</sup> E chegamos, então, por intermédio do

<sup>11</sup> O patológico ultrapassa a dicotomia cartesiana, pois, deste ultrapassamento depende a sua inteligibilidade. Doravante, estamos aquém da separação entre corpo (cérebro, signo) e alma (mente, pensamento, significação), ou seja, o corpo próprio é inteligível em si mesmo, é falante, bem como o fato psicológico, que é significante, e que, por isto, é acessível a uma fala expressiva que se estrutura na junção originária entre o signo e a significação. Com isto, o patológico nos desvela a autenticidade da ipseidade, existência ou ser no mundo, que está antes e que foi adulterada pelas psicologias empiristas e intelectualistas, herdeiras da dicotomia cartesiana, pelo fato de ambas afirmarem que “a palavra não tem significação”. Ou seja, para elas, a linguagem, separada do pensamento e do qual era mera tradução, não tinha acesso ao inteligível restrito, exclusivamente, ao pensamento e suas significações intelectuais. O empirismo e o intelectualismo desprezaram a significação emocional e existencial das palavras, a qual, devido à sua ambiguidade, potencializa e na qual se enraízam os distúrbios da linguagem. Consequentemente, ao propor retomar esta significação emocional e existencial das palavras, e realizar uma análise da patologia desta significação estética e pré-conceitual, Merleau-Ponty, tem como propósito maior, criticar e ultrapassar a insistente cultura filosófica cartesiana.

nosso critério hermenêutico, à prevalência da ordem da existência, que ultrapassa a contiguidade “entre um processo em si e uma *cogitatio*”, dada pela fisiologia cartesiana. Agora, “a união entre a alma e o corpo não é selada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objeto, outro sujeito. Ela se realiza a cada instante no movimento da existência” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 105), que deverá ser o verdadeiro objeto da psicologia. Nestes termos, “é-nos permitido então cotejar e precisar este primeiro resultado interrogando-nos agora a existência sobre ela mesma, quer dizer, dirigindo-nos à psicologia” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 105). Neste momento de gênese da interrogação psicológica é preciso reconhecer e definir os limites do corpo próprio falante e da linguagem corpórea, visto que, a possibilidade da terapia vincula-se, inelutavelmente, à possibilidade de uma verdadeira intersubjetividade, que só ocorre, de acordo com Merleau-Ponty, no âmbito propriamente linguístico. É pela fala que a psicologia alcançará a sua verdade, a verdade sobre o patológico. É através de uma linguagem que é significação, e não apenas que *tem* significação, que a psicologia poderá retornar à “coisa mesma” patológica (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 22). É uma fala que traz consigo a possibilidade de, através da sua expressividade, concebermos uma teoria da intersubjetividade e uma teoria da verdade, que nos será o caminho para o patológico. E essa fala como região original de significação, expressiva, autêntica, que não é mera tradução do pensamento, é a literatura. Nestes termos, é preciso que deixemos

1945, momento em que a fala não foi propriamente tematizada, mas foi utilizada para demonstrar a “natureza enigmática” do corpo próprio e, assim, reconhecer uma significação e inteligibilidade ao corpo. Mas, é preciso falar o patológico para além do sentido corpóreo.

Antes de tudo, é preciso ultrapassarmos o empirismo das “imagens verbais” que reduz a fala a um evento em terceira pessoa, no qual não há ninguém que fale, isto é, precisamos encontrar o *sujeito falante*, o que, em outros termos, significa ultrapassarmos “o parentesco entre as psicologias empiristas ou mecanicistas e as psicologias intelectualistas [...]; as duas concepções coincidem em que tanto para uma como para a outra a palavra não *tem* significação” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 205).<sup>12</sup> Sem uma palavra que não tem significação, inexpressiva e inautêntica, sem uma fala significante

---

<sup>12</sup> O patológico é uma dimensão originária aquém do pensamento objetivo, ele nos diz que há um sujeito falante, aquele que tem entre suas características definidoras a possibilidade da incapacidade da expressão ou da expressão inadequada de si mesmo. Neste caso, a doença, por exemplo, a afasia, revela o irrefletido, a intencionalidade, o sujeito falante como um movimento livre e espontâneo sob as determinações objetivas e científicas. A doença nos dá o vínculo entre a fala e a significação.

estruturada sobre a junção entre o signo e a significação, falar o patológico (cujo âmbito e significação não são o da representação intelectual ou do conceito), é inviável e, portanto, não há possibilidade de intervenção terapêutica, que precisa acreditar no sentido da fala do doente, caso contrário, onde estaria e de onde adviria o sentido do patológico?

A doença possui significações que o sujeito são e normal não possui, e é justamente por isto que há comunicação verdadeira e intersubjetividade entre o doente (o histérico, por exemplo) e o médico (o psicanalista). Em outros termos, é exatamente porque a fala do doente traz inerente a si significações inéditas para aquele que ouve – significações que retiram este do já adquirido e exigem-lhe um grande esforço de compreensão – que a doença, a histeria, não é uma ilusão, mas tem uma significação existencial manifestada através da fala e não através do conceito ou da representação intelectual. O conceito ou a representação não nos dizem a doença, pois, para eles, tributários da distinção e separação entre o corpo e a alma e alojados nesta última metafisicamente considerada, não há doença para eles que, fechados em suas significações puras, quedam-se imunes às patologias linguísticas. O doente está aquém do conceito ou da representação de doença. Não é necessário, em absoluto, que ele conceitualize ou represente-se que está doente para saber que está doente. A doença é a saída do solipsismo rumo a um terreno comum: um mundo cultural intersubjetivo. Em outros termos, é ao sairmos da ciência objetiva da expressão (linguística e psicologia) e é em relação à *experiência* da fala que podemos falar de *alucinação verbal*, isto é, não há alucinação verbal para uma linguagem com significações límpidas e unívocas. A alucinação verbal, enquanto tem sua ocorrência efetivada, testemunha-nos que a linguagem pode ser abordada sob o ponto de vista existencial, e que suas significações são, antes, significações existenciais. Esta dimensão pré-objetiva, pré-conceitual e metafísica não elimina a possibilidade da patologia da expressão, pelo contrário, pois, é nela que um novo e “expropriado” personagem ganha vida e é considerado, a saber, o sujeito falante. Há uma patologia da expressão para a linguagem considerada em seu “uso vivo” ou a partir das “experiências dos sujeitos falantes”. A psicologia precisa encontrar e fazer-nos redescobrir um “eu falo” anterior a um “eu penso”, pois, “aquele que fala entra num sistema de relações que o supõem e o tornam aberto e vulnerável” (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 26). São as condições e as consequências desta abertura e vulnerabilidade que a psicologia analisará. Nestes termos, a psicologia se revivifica pois ela analisa um “eu” que não é saber de si e pura coincidência consigo mesmo, pelo contrário, se “eu falo” é que não coincido comigo mesmo, é que estou descentrado e despossuído e,



nestas condições, o que “eu falo” é para afirmar um saber de mim mesmo dado pela autenticidade da minha fala. A minha vulnerabilidade ao patológico está no fato de que me ex-ponho em minha fala, em minha expressão. E esta exposição é também interiorização. O sujeito falante se ex-põe, susceptivelmente, por exemplo, à esquizofrenia e à alucinação verbal. O *cogito* ou o Eu husserliano, entre outros fatores, por lidarem com significações lógicas ideais dadas por uma gramática eidética, não padecem de esquizofrenia e de alucinação verbal. Se as alucinações e as alienações são possíveis é porque estamos inseridos num sistema de relações com outrens e porque estamos inseridos numa situação concreta que faz parte do “eu” mas que ele não possui, e que o despossui e o retira dele mesmo; e é este fato *a mais* que faz parte do “eu” o que determina sua não-coincidência consigo mesmo, sua fragilidade psíquica.

Não sendo mais um eu reflexivo e não mais estando na segurança abstrata das minhas reflexões, isto é, sendo agora um eu irrefletido ou uma transcendência interiorizante (que interioriza o próprio patológico), a minha não-coincidência ou descentramento quebra a dicotomia entre a atividade e a passividade da minha fala. O que “eu falo” está aquém desta dicotomia. É por não pensar e não me representar o que vou falar antes de falar, que “falo e acredito que meu coração fala, falo e acredito que me falam, falo e acredito que alguém fala dentro de mim [...]” (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 27). Eis a condição da esquizofrenia, da alucinação, da alienação.<sup>13</sup> Contudo, esses fenômenos ou sintomas são variações de nossas relações com os outros, e refletem a perda da capacidade de distinguir o seu corpo do de outrem e, em maior grau, de distinguir o eu e o outrem. Tal incapacidade deve-se ao fato de que “a distância mesma que o sujeito normal coloca entre si e o outro, a clara distinção entre o falar e o ouvir são uma das modalidades dos sujeitos encarnados. A alucinação verbal é uma outra modalidade” (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 27-28). Há uma perda de fronteiras em que pese as condições essenciais do falar e do compreender.<sup>14</sup> A intervenção terapêutica deverá restabelecer essas fronteiras – o que é fazer o doente aperceber-se da

<sup>13</sup> E ainda: “Esses distúrbios da fala estão ligados a um distúrbio do próprio corpo e da relação com os outros” (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 27).

<sup>14</sup> Além disso: “Se acontece de o doente crer que lhe falam, quando na verdade é ele que fala, o princípio dessa alienação se acha na situação de todo homem: como sujeito encarnado, estou exposto ao outro, assim como o outro está ex-posto a mim, e me identifico a ele que fala diante de mim” (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 28). Ao tematizarmos o patológico consideramos o sujeito encarnado que não perdeu a identidade, mas sim, que não é uma identidade já formada e absoluta. É por isto que a sujeição – possível de ser patológica – à identificação ao outro é sempre possível.



verdadeira intersubjetividade. Como a terapia assim se constituirá é um dos objetivos que vislumbramos em nosso horizonte. “É que o falar e o compreender são os momentos de um único sistema eu-outrem, e o portador desse sistema não é um “eu” puro, é o “eu” dotado de um corpo e continuamente ultrapassado por esse corpo” (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 27). Tanto ao falar quanto ao compreender saio de mim e “sou ancorado a um outro”, que está em algum lugar, ou melhor, que não ocupa lugar em seu corpo, porque é movimento expressivo, intencional, livre e, sobretudo, significante e inteligível.

Pelo que foi dito, consideramos que o doente é um certo tipo de ser no mundo. A doença é uma certa relação com o mundo. O sentido do patológico possui uma conotação plástica e pré-conceitual. Com efeito, “no normal, o objeto é ‘falante’ e significativo, o arranjo das cores imediatamente ‘quer dizer’ algo”. Há, no normal, um imediato reconhecimento de um sentido sedimentado correspondente a signos pré-estabelecidos, “enquanto no doente a significação precisa ser trazida de outro lugar por um verdadeiro ato de interpretação [...]. No doente, o campo perceptivo perdeu sua plasticidade” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 153). Isto é, no doente, não deixou de haver uma significação, mas esta deixou de ser imediatamente visível, ela tornou-se oculta, logo, faz-se necessária a interpretação. Embora, para o doente, isto não seja claro. Para ele, “em suma, o mundo não lhe sugere mais nenhuma significação e, reciprocamente, as significações que ele se propõe não encarnam mais no mundo dado” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 153). A intervenção terapêutica, como uma verdadeira hermenêutica das causas desta separação, deverá promover o reencontro das significações e do mundo dado, para que o doente consiga saber quando ele se situa em uma situação imaginária, “sem convertê-la em situação real”. Ou seja, para que ele consiga distinguir “uma adivinhação de um problema”. Por exemplo, no âmbito da patologia da sexualidade, temos que “um doente nunca procura por si mesmo, o ato sexual. Imagens obscenas, conversações sobre temas sexuais, a percepção de um corpo não fazem nascer nele nenhum desejo” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 181). Para ele “as reações são estritamente locais e não começam sem contato”. Ao passo que “no normal, um corpo não é percebido apenas como um objeto qualquer, essa percepção objetiva é habitada por uma percepção mais secreta: o corpo visual é subtendido por um esquema sexual” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 182).

Com isto, tendo por subtemas a natureza e a função da intervenção terapêutica, de acordo com nossa fenomenologia, no âmbito da patologia da sexualidade, a terapia deve considerar e ser capaz de mostrar que a incapacidade de viver a sua sexualidade, de pôr-se em situação sexual, tem

como consequência ou desdobramento, a perda da capacidade de situar-se afetiva e ideologicamente<sup>15</sup>. Para o doente, incapaz de fazer corresponder o sensível e o sentido, “os rostos não são nem simpáticos nem antipáticos [...]. O sol e a chuva não são nem alegres nem tristes, o humor só depende das funções orgânicas elementares, o mundo é afetivamente neutro” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 183). Isto, enseja-nos, para um outro momento, a análise da relação entre o patológico e o social, a partir da hipótese de que, uma vez que o patológico só se estabelece em um social simbólico, ele nos diz algo ou ajuda-nos a compreender a sociedade em que ele nasce ou que o torna possível. O que nos exige-nos retornarmos e retomarmos alguns pontos de *A Estrutura do Comportamento*. O retorno a esta obra tem como propósito justificar a nossa hipótese de que o patológico não apenas é caminho para a “ordem humana”, mas, também, que é esta a sua dimensão própria. O patológico é próprio do simbólico, isto é, da definição não anatômica, mas plástica dos gestos e dos comportamentos humanos. O que significa romper a correspondência entre a ordem biológica e a ordem humana. Tal rompimento exige-nos explicitarmos a passagem da *linguagem automática*, que não passa de um reflexo a um estímulo, para a *linguagem voluntária*, que é “uma adaptação mais elaborada, de valor superior” (MERLEAU-PONTY, 1967, p. 19). Isto nos conduz para além da reflexologia, revelando-nos que “longe de ser uma descrição fiel do comportamento, a teoria dos reflexos condicionados é uma construção inspirada pelos postulados atomistas da análise real” (MERLEAU-PONTY, 1967, p. 59).

---

<sup>15</sup> Diz-nos ainda, Merleau-Ponty: “É a sexualidade que faz com que um homem tenha uma história”, logo, “se a história sexual de um homem oferece a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem projeta-se sua maneira de ser a respeito do mundo, quer dizer, a respeito do tempo e a respeito dos outros homens” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 185). Neste caso, o patológico é a ruptura (talvez provisória) do homem com a sua própria história e, neste sentido, é a perda de contato com o mundo, com o tempo e com a sociedade em relação aos quais ele vive e em cuja vivência está a origem oculta da sua doença, porque a sexualidade tem uma “significação existencial”, isto é, ela “exprime a existência”. Quando a patologia da sexualidade se instaura, é que a sexualidade deixou de ser a expressão adequada da existência e, então, a terapia deverá restabelecer esta expressão adequada ou normal, visto que, a “existência se difunde na sexualidade” e, reciprocamente, a “sexualidade se difunde na existência”. “Assim, há na existência humana um princípio de indeterminação [...], já que ela é a própria operação através da qual o que não tinha sentido adquire um sentido, o que só tinha um sentido sexual adquire uma significação mais geral” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 197).

No retorno a 1942, a nossa análise se restringiu à explicitação das “dialéticas inferiores” próprias das ordens física e vital, a partir das quais resulta o superior, o humano (MERLEAU-PONTY, 1967, p. 199). Esse percurso é também o da crítica merleau-pontyana à psicofisiologia como passagem da determinação anátomo-orgânica (ou de uma plasticidade inencontrável) para uma liberdade alcançada no simbólico. Portanto, “é somente ao nível da conduta simbólica, e mais exatamente ao nível da palavra intercambiada”, que nos aparece a existência psicologicamente analisável, pois, é neste nível, “que as existências estranhas (ao mesmo tempo que a nossa, aliás)” nos aparecem sujeitas ao patológico, isto é, “ordenadas no mundo verdadeiro e que, em lugar de buscar desviar-se das normas insistentes deste mundo, o sujeito do comportamento ‘se irrealiza’ e torna-se um verdadeiro *alter ego*” (MERLEAU-PONTY, 1967, p. 137). Os problemas que levantamos giram em torno deste *ego* irrealizado estranho a si mesmo, e não somente o nosso objetivo é analisá-lo, mas também é ele o psicologicamente analisável no âmbito desta terapia fenomenológica. Neste sentido, adiantamos, já a título de conclusão, que a nossa problemática e o nosso objetivo conjugam-se em nosso esforço teórico de concebermos uma terapia fenomenológica para este *ego*. Trata-se de um direcionamento futuro. Antes disto, porém, cabe dizermos que se nos mantivéssemos circunscritos ao corpo (ou a 1945), o retorno à origem do sentido oculto que nos daria a explicação das manifestações patológicas visíveis (ou a descoberta da significação), não seria comparável à solução de um problema ou, mais propriamente, à eliminação do patológico. O que só ocorrerá, de fato, com a passagem do corpo para a fala, e isto será um recuo ao momento essencial da expressão, para sairmos da sedimentação das significações corpóreas.

O patológico está na possibilidade do *novo* desestruturar o sedimentado já constituído. O novo, que pode entrar em conflito com os valores há muito definidos. Assim, entre outros fatores, o que podemos avançar num primeiro momento, é que o patológico se dá na tensão conflituosa entre o passado e o futuro, uma vez que a ruptura temporal (ou a perda da significação transcendental do tempo) significaria a desestabilização da subjetividade identificada, por Merleau-Ponty, à temporalidade<sup>16</sup>. O patológico ocorre na retirada

<sup>16</sup> Eis em que termos Merleau-Ponty expressa tal identidade: “[...] nós já encontramos uma relação muito mais íntima entre o tempo e a subjetividade”. O risco de ocorrência do patológico está na perda desta intimidade. “Acabamos de ver que o sujeito, que não pode ser uma série de acontecimentos psíquicos, não pode todavia ser eterno. Resta que ele seja temporal, não por algum acaso da constituição humana, mas em virtude de uma necessidade interior. Somos convidados a fazer-nos do tempo e do sujeito uma concepção tal que eles se comuniquem do interior” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 469).

do sedimentado de si mesmo, quando a subjetividade lhe é mais sujeita, ou seja, quando o sedimentado não conseguiu assimilar e expressar o novo adequadamente através de um árduo esforço de reorganização interior, responsável pela fragilização do sedimentado e exigida pelo simbólico sócio-cultural e intersubjetivo.

O patológico é acessível pela fala porque “quando falo, não *represento* a mim mesmo *movimentos* por fazer” (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 28), e também porque “o “eu” que fala está instalado em seu corpo e em sua linguagem não como numa prisão, mas, ao contrário, como num aparelho que o transporta magicamente à perspectiva do outro” (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 29). Eis em que consiste a possibilidade da terapia. Eis a intersubjetividade exigida pelo patológico: através da fala sou posto em presença de *um outro eu mesmo*. E a questão, então, da psicologia, quando tem por tema o homem falante, é analisar como sou capaz de me fazer presente através da minha expressão na linguagem, o que tem, como contrapartida, o respeito às condições próprias do falar e do compreender, que não pressupõem “somente o pensamento, mas, de maneira mais essencial e como fundamento do próprio pensamento, o poder de deixar-se desfazer e refazer por um outro atual, por vários outros possíveis e, presumivelmente, por todos” (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 30). Só falamos se falamos um sentido *novo*, inédito, e só podemos falar em compreensão em relação com este sentido novo que transcende o sentido sedimentado de signos há muito instituídos e que, por isto, não nos falam mais nada. E sair do sedimentado e ser uma fala que nos apresenta a gênese do sentido, é ser, antes de tudo, um *desvio* dos signos, um desvio criativo rumo a uma expressão adequada ou autêntica pela qual uma ipseidade afirma o seu ser mais próprio. Esse desvio rumo a uma expressão autêntica é a própria literatura. Por esse desvio, a linguagem sai de si mesma e se faz obra. Isto é, ela apaga-se para nos dar acesso, para além das palavras, ao próprio pensamento do autor. Em suma, ela passa do signo ao sentido, para atrair-nos “para mais além” do “terreno já comum das significações adquiridas e disponíveis”, quando adentramos na insegurança da ausência (momentânea ou não) de linguagem e de sentido e quando, então, estamos ex-postos às patologias. Por tudo isso, nas condições em que o autor se faz autor ou que a literatura vem a si como obra depois da linguagem e do sentido sedimentado, podemos 1) ambientalizar a questão que se tornou própria da psicologia, bem como, 2) pensarmos as condições em que uma subjetividade, em que pese a sua afirmação autêntica, torna-se analisável psicologicamente, porque, para ambos os casos, é determinante o fato de que a literatura está no mundo, é uma fala em situação, viva, concreta, pré-conceitual, que está junto ao ser e que diz a existência. Por

fim, a literatura é a realização da expressão adequada daquilo que a filosofia perdeu a capacidade de dizer, o seu antes, o seu não; a literatura é capaz de dizer o negativo, o patológico, a existência, o que constitui “o metafísico no homem”.

O nosso tema, problemático em si mesmo, isto é, o patológico como critério hermenêutico ou a possibilidade de ler Merleau-Ponty através do patológico dito por ele mesmo, exigiu-nos circunscrevermos e definirmos o patológico não fechado em si mesmo, não teleológico (tal como a fenomenologia), no interior da obra deste filósofo. Depois de tamanho esforço, afirmamos que este critério justifica-se como símbolo capaz de alcançar o que permanece carente de expressão para além da normalidade oficial do pensamento e da linguagem: a doença do pensamento, da linguagem, o homem doente.

## REFERÊNCIAS

MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.

\_\_\_\_\_. **Le visible et l’invisible**. Paris: Gallimard, 1964.

\_\_\_\_\_. **La structure du comportement**. Paris: PUF, 1967.

\_\_\_\_\_. **La prose du monde**. Paris: Gallimard, 1969.

\_\_\_\_\_. **Notes de cours**. Paris: Gallimard, 1996.

Recebido: 23/03/2009

*Received: 03/23/2009*

Aprovado: 24/04/2009

*Approved: 04/24/2009*

Revisado: 01/10/2009

*Reviewed: 10/01/2009*